

MÍDIA-EDUCAÇÃO & EDUCAÇÃO FÍSICA NA REVISTA NOVA ESCOLA: UMA ANÁLISE DA CONCEPÇÃO, OBJETIVOS E PROPOSIÇÕES VEICULADAS

Diego S. Mendes
Cristiano Mezzaroba

Resumo:

Trata-se de um estudo descritivo-exploratório que procurou identificar e analisar na Revista Nova Escolar reportagens que tematizaram o uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC'S) na Educação Física escolar (EF). Constatou-se que a concepção utilizada pela revista enfatiza as questões instrumentais da mídia e TIC's nas aulas de EF, sugerindo, por vezes, proposições – embora limitadas – quanto a análise e uso de vídeos e materiais impressos nas aulas. Assim, sugerimos um olhar mais amplo sobre as questões da Mídia-educação no que se refere à apreciação da cultura esportiva, às questões discursivas da mídia e de mediação pedagógica nas aulas de EF.

Palavras-Chaves: Revista Nova Escola; Mídia-educação; Educação Física escolar.

Abstract:

This descriptive-exploratory study has attempted to identify and analyze “Nova Escola Magazine” articles on the use of information technology and communication in Physical Education (PE) at elementary school. It has been found that the magazine approach emphasizes the use of technology as a didactic resource in Physical Education classes. It also suggests in some cases the analysis of videos and printed materials used in the classes. Thus, we suggest a broader perspective on the issues of Media-education as regards the assessment of sports culture, integrating the issues of discursive media into the pedagogical actions in PE classes.

Keywords: Magazine Nova Escola; Media-education; Physical Education.

Resumen:

Estudio descriptivo-exploratorio trató de identificar y analizar informes en la “Revista Nova Escola” sobre el uso de tecnología de la información y comunicación en Educación Física en la escuela primaria. Fue observado el enfoque en el uso de la tecnología como recurso didáctico en la enseñanza EF, sugiriendo en algunos casos aislados el análisis de vídeos y materiales impresos en las clases. Así, sugerimos una perspectiva más amplia sobre las cuestiones de medios de comunicación-educación en cuanto a la evaluación de la cultura deportiva, integrando la cuestión discursiva de los medios de comunicación a la acción pedagógica de clases de Educación Física.

Palabras Clave: Revista Nova Escola; Educación para los medios de comunicación; Educación Física.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, com a disseminação dos aparelhos televisores e do acesso à internet, associado ao “maior poder de consumo” dos brasileiros, nas últimas décadas, vemos emergir, cada vez mais, a veiculação indiscriminada de informação de todas as

qualidades e gêneros. Aos professores de Educação Física (EF), além dos saberes advindos de suas histórias e experiências de vida, de sua formação profissional, soma-se uma infinidade de conteúdos advindos de noticiários e transmissões esportivas, programas de televisão e revistas “especializadas” nas temáticas da qualidade de vida e saúde, emagrecimento e beleza etc.

Mesmo os discursos pedagógicos sobre a atuação do professor de EF na escola se fazem presente nos meios de comunicação de massa, geralmente de maneira reducionista e limitada, anunciando concepções sobre essa área, as formas de ensino, os objetivos no campo escolar (associado, geralmente, ao desenvolvimento de habilidades esportivas – “celeiro de atletas” –, ou a propagação de formas de agir saudáveis, segundo as formulações da chamada *agenda da vida ativa*, que objetivam um *estilo de vida saudável*).

Ainda no plano da propagação de informações sobre a esfera do pedagógico e do educativo, outro tema que ganha destaque é a questão das tecnologias de informação e comunicação (TIC’s) nas escolas. Se vivemos na sociedade da informação, é necessário uma educação *com* as tecnologias informacionais e *para* o uso dessas, bem como de seus conteúdos (FERRÉS, 1996). Deste modo, programas televisivos, livros, manchetes, reportagens e matérias de jornais, revistas e conteúdos da internet são inteiramente destinados à divulgação do uso das TIC’s nas escolas.

Cada vez mais a mídia nos mantém informados sobre os novos produtos da chamada informática ou tecnologia educacional (BELLONI, 2001), ao passo em que também veicula novas formas de ser professor, de como a escola deve estar em sintonia com a tecnologia. O que observamos é que na mídia comercial e não especializada, as informações a respeito da tecnologia educacional são preponderantemente relacionadas à questão mercadológica que permeia tal discussão. Ou seja, por trás de uma escola tecnologicamente atualizada, há empresas abastecendo essas “novas demandas” educativas, quase sempre creditadas pelos cofres públicos.

Contudo, nem todo discurso sobre o uso das TIC’s na educação está circunscrito à lógica do consumo e do uso alienado desses bens. Desde os anos de 1970 vêm se desenvolvendo no mundo inteiro um novo campo de saber e intervenção, denominado de “educação para as mídias” (BELLONI, 2001), ou “Mídia-Educação” (ME) (FANTIN, 2006). Nessa perspectiva, mais do que equipar as escolas com alta tecnologia, seus “objetivos dizem respeito à formação do usuário ativo, crítico e criativo de todas as tecnologias de informação” (BELLONI, 2001, p. 12). Sendo assim, o desafio primordial consiste em formar um usuário crítico e autônomo dessas tecnologias, bem como de suas mensagens, não restringido a atuação educativa apenas às questões instrumentais, ou seja, de uso e apropriação técnica de determinado instrumento/veículo tecnológico.

Na EF, a produção acadêmica sobre o uso das TIC’s na formação de receptores críticos de mensagens midiáticas sobre a *cultura de movimento* tem aumentado significativamente. Ao menos é o que aponta o estudo realizado por Azevedo et al (2008), que analisou os 10 anos de produção do GTT EF, Comunicação e Mídia do Conbrace¹. Nesse estudo foi evidenciado o aumento das pesquisas que se dedicam a

¹ O CONBRACE (Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte) é um evento realizado a cada dois anos, promovido pelo CBCE – Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, reunindo pesquisadores, professores, acadêmicos e a comunidade da EF e áreas afins. Sua estrutura interna conta com 13 GTTs – Grupos de Trabalhos Temáticos, dentre eles, o de “Comunicação e Mídia”, cuja produção e veiculação do conhecimento está centrada nos aspectos comunicacionais e midiáticos da sociedade contemporânea.

elaborar/relatar intervenções pedagógicas com uso/tematização das TIC's nas aulas de EF. Este fato revela a preocupação da área em propor ações educativas com o uso das TIC's, visando a formação crítica de seus alunos, especialmente no que tange à recepção de informações sobre a esfera esportiva, da qualidade de vida e saúde, atividade física e estética e mais recentemente sobre o impacto dos mega-eventos esportivos.

Contudo, a divulgação desses estudos ainda é escassa, sendo realizada primordialmente em eventos acadêmicos e periódicos científicos, que, sabemos, infelizmente, são canais pouco acessados pelos professores de EF escolar. Entretanto, na chamada imprensa didática ou imprensa educacional, o enfoque sobre a EF tem ganhado espaço.

Nessa imprensa especializada, especialmente na *Revista Nova Escola* (RNE), da Editora Abril (principal revista na área educacional do país), matérias sobre o uso das TIC's em aulas de EF tem sido identificadas, demonstrando o interesse desse impresso pela temática. Diante desse fato, **o presente estudo se propõe a identificar e analisar a produção da RNE no que se refere às suas publicações sobre o uso das TIC's na EF.** O objetivo do trabalho, desse modo, se dedica a refletir sobre a concepção e as proposições veiculadas na RNE a respeito da ME e EF.

Com relação aos procedimentos metodológicos, trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, do tipo descritivo (TRIVIÑOS, 1987), pois envolve a descrição interpretativa com abrangência e detalhamento sobre os fatos do fenômeno ou de determinada realidade. Para realização da pesquisa foi feito num primeiro momento um levantamento das matérias que versavam sobre EF e uso de TIC's ou tematização da mídia, em todas as seções da revista e do site da RNE², delimitando-se o período de junho de 2009 a junho de 2010. Num segundo momento essas matérias foram analisadas a partir das técnicas da *análise de conteúdo*, segundo Bardin (1977).

SOBRE A REVISTA NOVA ESCOLA

O surgimento da Revista Nova Escola (RNE), tem em suas origens marcas do que a autora Lúcia Santaella (2003; 2007) conceitua como *cultura midiática*. A autora defende que há uma diferença entre “cultura de massa” e “cultura midiática”, e que impacta diretamente na configuração do que alguns autores denominam de novas mídias.

Segundo a autora, enquanto a idéia de “massa” se refere a um rebaixamento que se faz dos conteúdos culturais, mensagens e informações para um receptor médio abstrato, buscando a popularização desses e a adesão sem resistências do público. A cultura midiática, por sua vez, está ligada à sobreposição/fusão hibridização dos instrumentos de comunicação às diferentes linguagens (fazendo uso conjugado de fotografias, textos, gráficos, ilustrações, tiras etc), e gerando conteúdos mais individualizado para cada segmento do mercado, divididos conforme as identificações de gêneros, etnias, gostos e até mesmo de perfil profissional, bem como pertencimento à determinada classe social.

Assim, para Ramos (2009), a RNE surge em março de 1986, sendo a sucessora de uma revista publicada pela Editora Abril durante a ditadura militar, segmentada para os professores, denominada *Revista Escola Para Professores*, conhecida como

² <http://revistaescola.abril.com.br/>

ESCOLA. Após o fracasso dessa publicação, que tinha com finalidade apresentar a “nova concepção de escola e de ensino” definidas no período da ditadura ao público-leitor, (*ESCOLA*, n.0, 1971, p.3), surge a RNE, em março de 1986.

A RNE foi criada em parceria com a Fundação Victor Civita, órgão pertencente à Editora Abril. É mantida com recursos de seu próprio fundador, Victor Civita, além de uma participação orçamentária anual feita pela Editora Abril, bem como com recursos provenientes da publicidade e de empresas privadas.

Devido à parceria estabelecida com o MEC, a produção da revista conta com verba pública para sua publicação, tendo a Editora Abril, em contrapartida, a tarefa de distribuir gratuitamente a RNE às escolas públicas do Brasil. O convênio inicial entre o MEC e a revista previa que esse último arcasse com 70% do custo de produção. No entanto, segundo Ramos (2009), durante o governo Collor o convênio entre o MEC e a Fundação Victor Civita não foi renovado, resultando na redução drástica da tiragem, de 370 mil para 04 mil impressões, demonstrando a importância do subsídio estatal para a revista. O convênio foi retomado no final de 1992, conforme aponta Costa (2000), tendo a editora o compromisso do envio de um exemplar para cada escola urbana³.

Atualmente a RNE é editada em São Paulo e tem periodicidade mensal, embora até o ano de 1997 circulou em nove edições anuais e, a partir de 1998, tem circulado em dez edições por ano (nos meses de julho e janeiro não há edição da revista, devido ao período de recesso, que, salvo exceções, ocorre de maneira generalizada em todo Brasil).



Fig. 1 – Capa da RNE

Devido ao financiamento da revista pelo MEC, o exemplar sai a preço de custo e é vendida hoje por R\$ 3,40 e sua assinatura anual por R\$ 34,00. A revista teve uma tiragem em março de 2010 de 538.492 unidades, contando com 376.214 assinaturas e

³ Após a retomada do convênio estatal a revista consegue recuperar e superar sua antiga tiragem, estendendo sua distribuição até ocupar o segundo lugar no *ranking* nacional de revistas, ficando atrás apenas da revista *Veja*. Obtido em: <http://publicidade.abril.com.br>

54.383 vendas avulsas⁴. Ainda segundo a Projeção Brasil de Leitores consolidado 2009, a RNE contou em 2009 com um total de 1.080.000 leitores⁵.

Sobre o perfil dos leitores da RNE⁶, o site da revista informa que a maior parte é do sexo feminino, seja no formato impresso ou no site da revista, conforme dados abaixo:



Gráfico 1 – Perfil dos leitores em relação ao sexo

Já em relação à classe social, a maior parte dos leitores da revista em seu formato impresso se situa na classe B (57%) e C (29%), evidenciando que se trata de um público eminentemente de classe média e classe média alta.

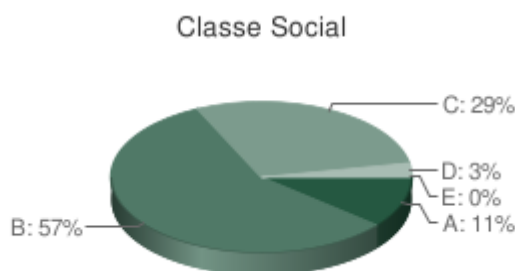


Gráfico 2 – Perfil dos leitores em relação à classe social

E, por fim, em relação à distribuição da revista em seu formato impresso revela que metade de seu público (50%) é da região sudeste do país, 22% da região nordeste e 15% da região sul. Há baixos índices de distribuição da RNE nas regiões norte e centro-oeste.

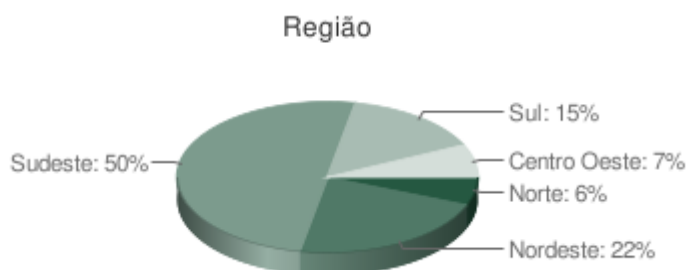


Gráfico 3 – Distribuição da revista por regiões do Brasil

⁴ Fonte: IVC mar/10 – Instituto Verificador de Circulação: <http://www.ivc.org.br/>

⁵ <http://publicidade.abril.com.br>

⁶ Todas as informações e gráficos apresentados em relação ao perfil do leitor foram extraídas do site <http://publicidade.abril.com.br>, a partir das seguintes fontes: Fonte Sexo - Marplan consolidado 2009/ Fonte Classe Social - Marplan consolidado 2009 / Fonte Região - IVC consolidado 2009

Assim, à guisa de uma conclusão preliminar, podemos aferir que o *projeto Nova Escola* parece cumprir sua função de disseminar formas de ser e pensar a educação de maneira muito próxima ao discurso “oficial” do MEC, apresentando matérias contemporâneas e sugestões de atividades a serem implementadas na escola. No entanto, por outro lado, a revista se torna em alguns aspectos fugaz, pois tende a dissolver os problemas da educação brasileira em uma visão harmoniosa de escola, em que professores, alunos, comunidade e governo trabalham em nome de um mesmo objetivo, a “educação de qualidade”, desconsiderando os diferentes contextos geográficos, sociais, políticos e culturais.

MÍDIA-EDUCAÇÃO E EF

Para realização deste estudo, nos baseamos em Fantin (2006), que propõe um entendimento da ME como um campo peculiar em que se integram “teoria e prática de fazer-refletir educação *com os meios, através dos meios e sobre os meios*” e tendo como enfoque principal o pensamento crítico. O que Fantin busca é a superação de qualquer dicotomia entre o uso da mídia enquanto *Ferramenta Pedagógica e Objeto de estudo*, sintetizando ambos no termo **Mídia-Educação**. Esta perspectiva concebe, portanto, explicitamente que a ME tem o papel fundamental de fomentar a apreciação estética da cultura; a criatividade e a experimentação de possibilidades expressivas diversas com a tecnologia audiovisual, através da produção midiática (fazer mídia); e a reflexão sobre a cultura e ambigüidade das discursividades midiáticas.

A autora em questão evidencia seu entendimento a respeito do significado da tão falada dimensão crítica da ME:

Tal pensamento crítico se traduz em duas dimensões: uma significa a capacidade de metarreflexão (saber do saber, ter consciência da estratégia que utilizou e colocar isto em jogo quando conhece) e a capacidade de questionamento (saber fazer perguntas, pois quando se faz perguntas se compreende a questão); e outra que significa a capacidade de saber fazer análise de textos (analisar, refletir, apreciar, comentar) e a produção (fazer mídias através de aprendizagem colaborativa, de resolução de problemas e de co-investigação). (FANTIN, 2006, p.100)

Por tais motivos, Fantin (2006) parece expor uma concepção de ME mais completa, principalmente por articular o termo ao que ela própria denominou de 4“C”s, ou seja, a ME como campo de fomento à Cultura, Crítica, Criação/Criatividade e Cidadania.

Portanto, quando se fala de ME não se está referindo a uma mera incidência das TIC’s na escola, ou mesmo de sua utilização técnica neste âmbito, mas, ao contrário, se trata de um campo definido para a construção de um olhar e de uma expressão crítica e autônoma da cultura midiática.

Os agentes da instituição escolar podem até não perceber, mas, de fato, cada vez mais alguns dos elementos da EF, especialmente o corpo e os esportes (mas não apenas eles), têm se apresentado marcado pela cultura da mídia, nos corredores, pátios, ginásios e salas de aula. Basta um passeio por qualquer escola e rapidamente se verá crianças e jovens utilizando indumentárias típicas de universo esportivo, como por exemplo,

camisetas dos consagrados times de futebol, roupas grandes e largas características dos skatistas ou dos jogadores de basquete de rua, isto sem falar nos tênis com amortecedores exorbitantes, desenvolvidos para superar os mais altos graus de impacto, sofridos especialmente nos campos de batalhas esportivas. E não são apenas as indumentárias, boa parte das discussões que preocupam os estudantes se refere à busca por um corpo “*sarado*”, às dietas alimentares lançadas pelas revistas, à nova aventura em meio à natureza anunciada na tv, ou mesmo as imitações de *hits* e danças que se popularizam propagando uma certa vulgaridade nas crianças e jovens, entre outros.

Isso corrobora a necessidade de a EF, enquanto componente pedagógico, “exercitar” sua competência de mediação no processo de construção do conhecimento acerca da cultura de movimento em diálogo direto com as informações da mídia.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados analisados são referentes ao período de junho de 2009 a junho de 2010, em que foram identificadas 9 reportagens que se referiam à aspectos de EF e ME. Entre todas matérias analisadas apenas 2 fazem menção direta e explícita em seus títulos quanto à utilização das TIC’s nas aulas de EF. Nas outras 7 reportagens, o tema das TIC’s foi identificado no decorrer do texto ou mesmo nas imagens que os compuseram. Ainda sobre tais dados, é importante frisar que das 9 reportagens analisadas, 3 delas estão presentes apenas no *site* da RNE.

Na edição de junho/2009, a matéria de capa teve como título “*Um guia sobre o uso de tecnologias em sala de aula*”⁷. A revista abordou a temática das TIC’s em todas disciplinas que compõem o currículo escolar, incluindo a EF. Trata-se de um enfoque que privilegia a dimensão instrumental, com perguntas como “quando usar a tecnologia” e “como utilizar esses novos recursos”, além de considerar que a utilização deve ser pensada em matéria de relevância perante os conteúdos que serão tratados.

Ao comentar sobre o uso de tecnologias nas aulas de EF, cujo título da reportagem foi “*Atividades em vídeo nas aulas de Educação Física*”⁸, podemos dizer que, infelizmente, ao abordarem a relação das mídias com o componente curricular EF, caiu-se na visão apenas instrumental da ME, apesar de considerar a utilização do vídeo para apreciação de esportes não-convencionais – tratando-se de cultura brasileira. A utilização de vídeos nas aulas de EF não pode ficar limitada apenas a questões de aprendizagem de regras ou a apreciação de uma cultura esportiva mais ampla, e sim permitir que tal apreciação se transforme em ação pedagógica no desenvolvimento de um tema da cultura de movimento (BETTI, 2006).

Para superar a instrumentalidade, a apreciação de vídeos deve permitir, ainda, diálogo e reflexividade dos alunos – e do professor – nas aulas, e a elaboração destes vídeos, quando há tal recurso na escola! Além disso, considerar outras mídias, como a impressa, riquíssima com seu conteúdo mais formal e geralmente mais amplo, bem como a internet, com as possibilidades de leitura e escrita, de pesquisa e mesmo de visualização de vídeos. Identificar e analisar os programas que os alunos assistem, as modalidades que conhecem, onde buscam as informações sobre a cultura esportiva pode ser outro componente identificador e de ação com as mídias na EF.

⁷ http://revistaescola.abril.com.br/avulsas/223_materiacapa_abre.shtml

⁸ <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/pratica-pedagogica/atividades-video-aulas-educacao-fisica-476011.shtml>

Na edição de agosto/2009, há uma reportagem que não trata explicitamente a EF, e sim a Educação Infantil. Aqui incluímos esta reportagem por considerarmos que a EF está presente na *educação do corpo* e constantemente presente na Educação Infantil, bem como pela questão do tratamento da reportagem à questão do uso da televisão no espaço pedagógico. Com o título, “*Assim não dá! Usar a TV na Educação Infantil sem propósito*”, a pequena reportagem denuncia que usar a televisão só para passar desenhos ou aquilo que as crianças já vêem em casa não é papel da mediação pedagógica com as crianças pequenas.

Nessa mesma edição de agosto/2009, há uma *entrevista*⁹ com o *professor/pesquisador da USP, Marcos Neira*, em que ele fala sobre o papel da EF na escola, defendendo que é função da disciplina investigar como os grupos sociais se expressam pelos movimentos. Na entrevista, o especialista fala que “A escola não serve para formar atletas, mas para refletir e entender as manifestações culturais que envolvem o movimento” (RNE, agosto/2009). Apesar disso, pouco considera, por exemplo, as manifestações da cultura esportiva advindas dos veículos midiáticos. De maneira restrita, considera, no momento em que fala da manifestação cultural corporal de determinada região, a utilização de vídeos para estimular representações de dança. Talvez o especialista desconsidere toda a produção brasileira já existente sobre a temática de ME/EF. De qualquer forma, há avanços, como por exemplo, considerar a utilização de vídeos – mesmo com esse caráter limitado – e a experiência de os alunos já irem para a escola e para a aula de EF sabendo sobre o *skate*, muito pelo que eles vêem na televisão sobre este esporte radical.

Já na edição de outubro/2009 há a sugestão de uma sequência didática, com o tema “*Atividade física saudável*”¹⁰. Na segunda parte do plano de aula sugere que os alunos façam “pesquisas em sites e revistas que abordam o assunto [para evitar dores e lesões nas práticas físicas], como *Boa Forma, Men’s Health, Women’s Health e Runner’s World*.” (RNE, outubro/2009). Preocupa-nos essa questão, pois, a mídia aqui é sugerida com a finalidade de apropriação de algumas informações “conceituais” sobre o assunto tratado nas aulas, reforçando as proposições midiáticas, sem, no entanto, examinar criticamente os critérios que subjazem a esses conteúdos, bem como as opções valorativas que eles implicam.

Em dezembro/2009 a RNE publica uma reportagem intitulada “*Tecnologia na escola*”¹¹, que se apresenta como um panorama das pesquisas realizadas no Brasil sobre o uso da tecnologia na sala de aula e a questão da formação do professor. Não aborda em nenhum momento a EF. Considera que 98% das instituições têm computadores e que 83% das escolas acessam a internet por banda larga. Com essa “invasão” das tecnologias no interior das escolas e no cotidiano do professor, vemos que é necessário, já na formação inicial, a preocupação com esse “choque tecnológico” na formação profissional. A RNE, no entanto, considera que tal formação para o uso das mídias não é ponto para os cursos de EF, uma vez que os desconsidera na reportagem.

Outra reportagem que tratava do uso das TIC’s em aulas de EF foi denominada, “*Gente Saudável*”, da edição 229 de Jan/Fev de 2010¹². A matéria versa sobre a

⁹ <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/fundamentos/vez-formar-atletas-analisar-cultura-corporal-487620.shtml>

¹⁰ <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/pratica-pedagogica/atividade-fisica-saudavel-saude-dor-fadiga-lesao-educacao-504028.shtml>

¹¹ <http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/diretor/tecnologia-aula-computador-escola-pesquisa-fundacao-victor-civita-aprendizagem-518769.shtml>

¹² <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/pratica-pedagogica/gente-saudavel-educacao-fisica->

necessidade de unir teoria e prática nas aulas de EF para tratar com os alunos de temas relacionados ao estilo de vida saudável e sua inter-relação com a atividade física. A temática “mídia” novamente é tratada a partir da premissa do uso de suas informações como fonte de pesquisa, ao sugerir o uso da internet para obtenção de conceitos.

Já no site da RNE, outra reportagem com conteúdo semelhante foi encontrada na seção *Plano de Aula*, denominada “*Saúde e Qualidade de Vida*”¹³. O objetivo do plano de aula sugerido é tratar de conceitos e procedimentos básicos sobre atividade física, exercício, saúde, qualidade de vida e como eles se relacionam, além de propor aos alunos um programa de exercícios físicos. Para a elaboração desse programa é sugerido, na terceira etapa do plano, que os estudantes pesquisem sobre temas relacionado à prática física para a apresentação de seminários. Entre os recursos didáticos para essas aulas está previsto o uso de computador com acesso à internet.

Neste caso as TIC’s são utilizadas novamente como mero recurso didático, bem como no plano de aula denominado “*Pesquisa sobre a Cultura de Movimento*”¹⁴, que propõe a construção de um festival por parte dos alunos com exposição, painéis temáticos e demonstrações de lutas, danças, esportes, brincadeiras e jogos.

Por fim, a última reportagem analisada tratou de um plano de aula disponível no site da revista intitulado “*Estudando as lutas com recursos tecnológicos*”¹⁵. A matéria propõe o ensino das lutas nas aulas de EF a partir de pesquisa realizada sobre a temática na mídia, sistematização das informações obtidas e realização de práticas nas aulas com auxílio de agentes externos à escola que sejam praticantes de lutas ou mesmo com o conhecimento dos alunos que tiveram contato com artes marciais. A intervenção prevê também filmagens/fotografias de vivências e apresentações dos alunos e a análise das imagens, para o reconhecimento e “invenção” de técnicas e táticas pelos estudantes.

Esta matéria é uma das poucas encontradas que também se alinha às premissas da ME, indo além do uso da mídia como recurso técnico. Segundo Betti (2006, p. 106), a utilização de vídeos ou outras TIC’s nas aulas de EF “devem estar inseridas no desenvolvimento de um tema [...] É o tema que deve determinar a escolha da matéria, e não o inverso”, e isto foi observado na matéria em destaque. O uso dos vídeos e informações estão a serviço do desenvolvimento da temática “lutas” nas aulas de EF, com intuito de ajudar os alunos a ampliarem seus conhecimentos sobre essas práticas. A matéria ainda destaca que as informações obtidas devem ser analisadas pelos alunos, conferindo um sentido pedagógico que visa a sistematização do saber transmitido pelos alunos, fato essencial à mediação educacional prevista na ME.

Essa matéria, por fim, prevê que os alunos produzam mídia e busquem novas formas de praticar as lutas, não apenas reproduzindo os modelos midiáticos, o que sugere claramente um alimento à busca do desenvolvimento da perspectiva criativa e crítica da ME, não utilizando os meios tecnológicos apenas como reforçadores das mensagens hegemônicas sobre a cultura de movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

saude-qualidade-vida-528774.shtml

¹³ <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/pratica-pedagogica/saude-qualidade-vida-atividade-fisica-exercicio-condicionamento-528787.shtml>

¹⁴ <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/pratica-pedagogica/pesquisa-cultura-movimento-524227.shtml>

¹⁵ <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/pratica-pedagogica/estudando-lutas-recursos-tecnologicos-479002.shtml>

Concluindo este estudo, consideramos necessário o tom crítico e de denúncia à revista que, na área educacional brasileira, tem grande abrangência e poder de formação de opinião no ambiente escolar.

Constatamos que no período de um ano, em apenas 9 reportagens houve referências a possíveis relações entre EF e ME, sendo que em apenas 2 delas houve menção direta em seus títulos quanto à utilização das TIC's nas aulas de EF. Quando apresentou a perspectiva de uma educação para a mídia em matéria específica sobre EF escolar, julgamos o ocorrido como fato isolado, pois foi a opinião de um especialista consultado pela revista na elaboração da reportagem e não a intenção do veículo midiático.

Embora a *Revista Nova Escola* esteja trazendo a discussão da temática das TIC's também para o âmbito da EF, o que já se configura como um avanço em relação às “práticas” pedagógicas deste componente curricular – se pensarmos na tradicional “aula prática”, em que apenas se “joga bola” e que o “professor não fala, só usa o apito” – é necessário refinar e ampliar este olhar e esta possibilidade de trabalho articulado às TIC's, nas suas diversas formas (internet, análise de mídia impressa, apreciação e elaboração de vídeos etc.), indo ao encontro daquilo propagado pela ME na sua totalidade, não se restringindo apenas às questões instrumentais e técnicas dos usos das TIC's, conforme exemplos sugeridos em todas reportagens da RNE.

É necessário, portanto, que a *Revista Nova Escola* assuma um posicionamento mais amplo em relação ao que divulga no âmbito da EF, considerando-se outras dimensões daquilo que é propagado pela ME, para além do caráter técnico e instrumental das TIC's, como por exemplo, a dimensão ativa, crítica e de produção midiática por parte dos próprios alunos, sujeitos do ensino escolar, que têm nas TIC's diversas possibilidades de usos e significações da *cultura de movimento*, permitindo a formação de sujeitos mais ativos, críticos, criativos e esclarecidos – eixos norteadores da ME.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, V. et al. Dez anos do GTT Educação Física, Comunicação e Mídia (CONBRACE/CBCE): análise de percurso e tendências. Congresso Brasileiro de Informação e Documentação Esportiva, 2, *Anais...* Belo Horizonte: UFMG/CEV/Ministério do Esporte, dezembro/2008.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições70, 1977.

BELLONI, M.L. *O Que é Mídia-Educação*. Campinas-SP: Autores Associados, 2001.

BETTI, M. Imagens em ação: uma pesquisa sobre o uso de matérias televisivas em programas de educação física do ensino fundamental e médio. *Movimento*, Porto Alegre, v12, n2, p. 95-120, maio/agosto 2006.

COSTA, M.V. Mídia, magistério e política cultural. In COSTA, M.V. (Org.) *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

FERRÉS, J. *Televisão e Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

RAMOS, M.E.T. *O Ensino de História na Revista Nova Escola (1986-2002): cultura midiática, currículo e ação docente*. Curitiba, 2009. Tese (Doutorado), UFPR.

REVISTA ESCOLA PARA PROFESSORES. São Paulo: Editora Abril, n.0, 1971.

REVISTA NOVA ESCOLA, São Paulo: Editora Abril. N, 01, mar/1986.

SANTAELLA, L. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

TRIVIÑOS, A.N.S. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

<http://revistaescola.abril.com.br>

Contato:

Cristiano Mezzaroba – Rua Jordão de Oliveira, 96 – casa 11, Atalaia – Aracaju/SE
CEP: 49037-330 – cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br

Recurso tecnológico: datashow